

Crianças

E. G. C.

O autor do belo hino Deus Tem o Mundo Em Suas Mãos parece ter a intenção de descer ao mínimo detalhe, ao sublinhar: "... até as crianças".

Devera ter dito que Deus tem o mundo em suas mãos, principalmente as crianças. São elas herança do Senhor. Delas é o Reino dos Céus. Não é da vontade de Deus que nenhuma delas se perca. São os cordeirinhos do Senhor Jesus. Dos lábios delas nasce o perfeito liquor. O Mestre quer para si as crianças: "Deixa vir a mim as crianças". Jesus amaldiçoou a quem impede de as crianças irem a Ele, serem d'Ele, confiarem n'Ele e aprenderem d'Ele. Há anjos de Deus postos para velar pelas crianças, a respeito dos quais disse Jesus que eles vêm incessantemente a face do Pai Celestial.

Há uma perfeita associação entre Reino de Deus e Crianças. E que Deus quer as crianças no seu Reino, sob seu domínio, sob seu cuidado, sob seu olhar paternal, envolvidas por seu amor, guardadas por Ele, identificadas com as bênçãos e privilégios do Reino.

Decidam os pais o que preferem. Que seus filhos estejam sob o domínio pleno do Reino de Deus ou sob o domínio pleno do Maligno. As forças do MAL disputam a mente, o coração e a vida das crianças. Jesus quer para Si as crianças, e para tudo quanto Ele mesmo tem aqui na terra. Aqui na terra tem Jesus a sua Igreja. Jesus quer as crianças na sua Igreja. A Igreja não é o Mundo. Jesus disse que não é do Mundo. Mas a Igreja de Jesus está no Mundo. Jesus edifica Seu Reino no Mundo. Jesus edifica Sua Igreja no Mundo. Jesus quer proteger as crianças das más influências do Mundo. O plano de Jesus é que as crianças, quais cordeirinhos, sejam apresentadas no aprisco do Seu Reino e no ambiente da sua Igreja.

A criança nasce potencialmente no IAR. Jesus a inclui, desde logo, no REINO. A Igreja é a escola do treinamento da criança nas excelências do Reino. Mas o lar é onde mais a criança demora, onde vive, onde mais sofre influências. Assim, é no lar que Lóido instruí sua filha Eunice. E no lar que Eunice instruí seu filho Timóteo. Timóteo recebeu uma herança bendita. Mais tarde, São Paulo foi seu mestre, amigo e companheiro de jornadas memoráveis. A criança Timóteo podia bençoar a memória de sua avó e de sua mãe. A mãe de Samuel nos velhos tempos "lhe fazia uma túnica pequena" (1 Sam. 2:19). O detalhe é revelador. A mãe de Samuel amava seu filho no Senhor. Quer que ele fosse do Senhor. Tinha prazer em ser mãe do Senhor.

E nós, batistas brasileiros, evangélicos brasileiros, pais brasileiros, estamos querendo o que para nossos filhos? Que eles sejam "cantadores" de rádio e de televisão? Jogadores de futebol? Que alimento espiritual lhes estamos dando? Que interesse estamos manifestando pela verdadeira vitalidade espiritual de nossos filhos? Será que as revistas, o rádio, a televisão, o cinema, o teatro, a praia, os jogos têm coisa melhor para dar aos nossos filhos do que a Bíblia, do que o culto doméstico, do que a igreja, do que o Reino de Deus? Será que eles serão mais fortes, mais felizes, mais homens, criados ao léu da sorte, sem oração, sem hinos, sem escola dominical, sem culto doméstico, sem ação de graças às refeições, sem oração ao deitar e ao levantar, sem igreja, sem pastor, sem comunhão cristã, sem visão espiritual, sem motivação para a vida interior, sem Jesus, sem nada de tudo quanto torna a vida humana edificada sobre a rocha, para que não se degrade na hora da tempestade?

Pais, mães, tutores, igrejas, mestres e pastores, pensemos nas CRIANÇAS, em termos bíblicos e não em termos mundanos, em 1967, um NOVO ANO DA GRAÇA.

Oração Patriótica

Deus, que me infundistes o amor da beleza, da verdade e da justiça; que povoades da vossa presença as minhas horas de arrependimento, de perdão e de segurança na vossa misericórdia; que há dezenas de anos me descobris os meus erros, me reerguístes dos meus decaimentos, me conduzíste pelo vosso caminho; dai-me, agora mais do que nunca, o ânimo de não mentir aos meus semelhantes, de não me corromper nos meus interesses, de não temer ameaças, de não irritar de injúrias, não fugir a responsabilidades. Se a mercê da salvação da nossa liberdade e da nossa fortuna, da nossa paz e da nossa honra, postas nas vossas mãos onipotentes, exigir o sacrifício de um em satisfação das culpas de todos, não vos detenha, Senhor, a miséria do resto dos meus dias, cansados e inúteis. Mas não permitais que as maquinacões do egoísmo de alguns pre-

valeçam ao bem de um povo inteiro, que a barbaia senhoreie de novo a nossa pátria, que os semeadores de violências e desunião vejam prosperar outra vez a sua funesta sementeira nas regiões benditas, sobre cujos céus ascendestes a constelação da vossa cruz.

RUY BARBOSA



Feira de Santana hospedará a 44.ª Convenção Batista Bahiana

Feira de Santana hospedará a 44.ª Assembleia da Convenção Batista Bahiana de 3 a 7 de julho de 1967, no Santuário da Primeira Igreja daquela grande cidade. À Rua Visconde do Rio Branco 5/A.

IGREJAS BATISTAS DE FEIRA DE SANTANA

1. Primeira, organizada em 2-3-1947; Pastor: Rev. Adérito Tavares de Melo, número atual de membros (?).

2. Segunda, organizada em 3-1-1951; Pastor: Rev. Filinto de Sousa Barreto; sede: rua Botafocário Moncorvo; número de membros: 168.

3. Sobradinho, organizada em 22-10-1962; Pastor Rev. Robert Elton Johnson; sede: rua Humaltá, Sobradinho; número de membros: 191.

4. Quarta, organizada em 18-6-1964; Pastor?: sede: rua Cristóvão Barreto, 1242, Brasília, número de membros: 97.

O menino que desejava ser músico

O menino Antônio, o Entalhador, morava, há muitos anos, na velha cidade de Cremona na Itália. Ganhava este apelido porque vivia com uma faquinha e um pedaço de pú na mão o dia inteiro, cortando, raspando, polindo, paciente e cuidadosamente transformando da madeira bruta em caixinhas lindas, broches interessantes, vasos, cachorrinhos e galinhos de brinquedo bem parecidos com os verdadeiros. Trabalhar com faca e madeira entalhando era a única coisa que ele sabia fazer bem. Não era isto, porém, o que ele desejava.

Antônio queria ser músico. Amava a música mais que qualquer outra coisa no mundo. Sentia-se em sua alma; ouvia-a no alegre marulhar das águas sobre as pedras no correto e no suave sussuro dos pinheiros; na chuva que caía mansinha sobre o telhado da casa; no pipilar dos passarinhos e no arrulho dos pombo; no leve farfalhar das folhas douradas do choupo da Lombardia quando caíam no outono; no zunir dos ventos que varriam a terra e nos trovões retumbantes em dias de tempestade. Para ele até as nuvens que flutuavam no céu azul do Cremona e as flores multicores que na primavera cobriam os campos ao redor, todas cantavam. E Antônio queria reproduzir estes cânticos da natureza, mas não podia. Seus irmãos, porém, podiam. Giulio cantava muito bem e Salvatore tocava violino. Muitas vezes tocavam e cantavam na rua e o povo lhes dava moedas. Como Antônio desejava possuir os dons que eles tinham! Mas a sua voz era estridente, e por mais que se esforçasse nunca pôde aprender a tocar violino. Só sabia entalhar. As suas mãos pareciam feitas unicamente para trabalhar em pedacinhos de madeira. E que valor tinha isto?

O pai de Cremona gostava de festas. Uma vez no último dia de um grande festival Giulio e Salvatore resolveram tocar e cantar na praça para ver si conseguiram ganhar alguns centavos.

— Queres ir conosco? perguntaram a Antônio. E zombaram dele, como muitas vezes faziam, dizendo:

— É certo que não ganharás moeda alguma; pois não sabes cantar nem tocar. Sabes somente lidar com a faca e isto de nada lhe vale. Mas, si quiseres; podes vir escutar as nossas canções e ouvir o tinir do dinheiro caindo no nosso chapéu.

Estas palavras feriram o coração sensível de Antônio. Cedo foi à festa e ficou ao lado dos irmãos enquanto tocavam e cantavam algumas das velhas árias da Lombardia. E o povo gostou. Muitas moedinhas caíram no chapéu naquela tardinha. Antônio também gostou da música; uma grande tristeza, porém, lhe invadia a alma. Cabalisso, perguntou amargamente a si próprio:

— Por que será que não tenho dono nenhum para a música?

Levantou os olhos somente quando um senhor de aparência muito distinta parou perto dos meninos, tirou o chapéu e curvou a cabeça para ouvir uma das árias. Reverentemente e com lágrimas nos olhos escutou-a até o fim e, antes de retirar-se, depositou no chapéu uma moeda de ouro.

— Quem é aquele senhor? perguntou Antônio a alguém próximo.

— É o grande Amati, fazedor de violinos, foi a resposta. Quando Antônio ouviu estas palavras, penetrou-lhe na mente um pensamento súbito, luminoso, confortador: qual raio de luz para quem tem andado por muito tempo na escuridão!

Quem faz violino faz alguma coisa no domínio da música; pois ninguém pode produzir música de corda sem que alguém faça primeiro o instrumento... Quem sabe poderei aprender a fazer violinos! Sei que os de Amati são todos feitos à mão. Giulio e Salvatore ficaram muito contentes com a moeda de ouro, e, achando que não precisavam tocar e cantar mais naquela tarde, foram-se para casa muito satisfeitos. Antônio também, subiu ao seu quartinho com uma alegria estranha no coração. Dormiu mu-

to pouco. Ao raiar da manhã, levando consigo algumas amostras dos seus melhores trabalhos em madeira, saiu para a rua. Nem se lembrou de procurar o alimentador de violinos. Foi bater à porta da casa do grande Amati, fazedor de violinos. Tão cedo foi a hora, que a criada, vendo quem era, lançou um olhar feroz... e fechou imediatamente a porta sem dizer palavra. Não se desanimou, porém. Por duas horas passeou pelas ruas de Cremona e, então, tornou à mesma casa. Desta vez foi mais feliz, pois veio o grande Amati em pessoa atender a porta. Não esperou convite para entrar mas, sem cerimônia e em palavras que borbulhavam do coração, fez entender o motivo da visita. Entrando perante os olhos do surpreendido dono da casa uma caixinha muito linda, toda trabalhada à mão, disse:

— O senhor faça o favor de me ensinar a fazer violinos. Por um momento o homem de renome contemplou o rosto ingênuo do menino. A emoção ali estampada o comoveu; a simplicidade tocou-lhe o coração.

— Qual o teu nome, perguntou.

— Antônio Stradivarius, disse o menino.

— E por que desejas aprender a fazer violinos?

— Para fazer alguma coisa em torno da música, foi a resposta pronta... A música é a coisa mais bela no mundo. Um sorriso de satisfação passou pelo semblante do fazedor de violinos. Então falou:

— Podes entrar, meu filho. Vamos experimentar. Quem sabe... Todos os que têm a alma cheia de música encontram algum meio para expressá-la.

Assim Antônio Stradivarius tornou-se aluno de Nicola Amati. Aprendeu a fazer todas as partes de um violino bem feitinhos, bem trabalhados, polidos e envernizados. Ele se esforçava para fazê-las cada vez com mais perfeição. Aprendeu a juntar estas peças e a conhecer cordas boas. Amati ensinou-lhe que o violino deve ser feito de madeira apropriada e de muito boa qualidade, e sempre com amor. Dia após dia

trabalhavam juntos e não se sabe qual era mais dedicado — mestre ou aluno. Certo é que os dois eram amantes da música. Amati dizia frequentemente:

— Os resultados do trabalho que fazemos dependem do amor que a ele devotamos.

Durante vinte longos anos Antônio Stradivarius foi se aperfeiçoando cada vez mais em sua arte. Ao fim deste tempo estava fazendo os melhores violinos do mundo, e então o seu coração transbordava de alegria e gratidão por ter achado um meio para expressar a música que amava e sentia em sua alma. Era seu costume dizer, em espírito de grande humildade:

"Enquanto Deus dá aos homens, Eu dou-lhes instrumentos para [tocar. Deus tomou-me em suas mãos [para ajudá-lo... Ele não poderia fazer os violinos [nos de Antonio Stradivarius Sem o auxílio de Antonio".

Este grande artista viveu e trabalhou até bem velhinho, até noventa e três anos de idade. Fez seu estudo no alto da sua casa, completamente aberto ao sol e ao vento daquele clima excelente. Para lá eram importadas de além do mar Adriático as madeiras mais finas e de lá saíam pelas estradas de Leste e Oeste violinos que, em mãos hábeis, reproduzem a música que se ouve no marulhar das águas no riachos e no sussuro dos pinheiros; no pipilar dos passarinhos e no arrulho dos pombo, no farfalhar das folhas e no manso cair das chuvas, no desabrochar das flores da primavera e nas nuvens flutuando que descem das montanhas e nos trovões que retumbam entre as colinas. Nunca, até o dia de hoje, alguém conseguiu fazer um violino melhor que o "Stradivarius", nem sequer igual. "E quando um mesmo segura entre o queixo e a mão" um destes famosos instrumentos, "é se alegre, porque Stradivarius viveu, fez violinos e os fez maravilhosos".

(Transcrito da Revista "Sinos")

Rev. Aníbal Pereira Reis fará conferências religiosas na Igreja Batista Dois de Julho

O Rev. Aníbal Pereira Reis, ex-padre católico, estará pronunciando uma série de conferências na Igreja Batista Dois de Julho, do dia 22 a 26 de fevereiro. As conferências de caráter religioso versarão sobre os seguintes temas: Podemos ter certeza da salvação?; Porque deixei a batina?; Psicologia da Conversão, O preço do nosso resgate. Eis em resumo a vida do Rev. Aníbal Pereira Reis: nasceu em São Paulo em 9 de março de 1924; estudou no Seminário Central do Ipiranga; foi ordenado padre, em Montes Claros, aos 8-12-1949, no Estado de Minas Gerais, havendo sido, ali, o fundador, assistente eclesiástico e presidente do Circolo Operário, professor de literatura portuguesa e matemática no Ginásio Diocesano, coadjutor da Catedral, confessor do Colégio Imaculada Conceição, diretor do jornal "Tribuna do Norte"; diretor do ensino religioso. Transferido para o Recife, em 1952, prosseguiu em idênticas atividades religiosas e sociais, na direção de uma obra de amparo a menores e velhos desvalidos — a Companhia de Caridade; assistente eclesiástico da Juventude Operária Católica; Diretor do

Instituto São José. Retornando a São Paulo, em 1960, foi pároco em Guaratinguetá e Orlandia, havendo construído a Casa Paroquial, um Salão Paroquial e Três Templos Católicos. Ainda pároco de Orlandia, São Paulo, aos 12-5-1965 escreveu carta ao



Monsenhor João Laureano, Vigário Capítular da Arquidiocese de Ribeirão Preto, para lhe comunicar seu afastamento da Igreja Católica pelo fato de se haver tornado um crente evangélico, segundo as Santas Escrituras.

Estatutos da Convenção Batista Bahiana

(Votados na 4a. Sessão da 43a. Assembléia da Convenção Batista Bahiana, realizada em Vitória da Conquista, em 14-7-1966).

CAPÍTULO I

Denominação e Fins

Art. 1º — CONVENÇÃO BATISTA BAHIANA é uma organização religiosa, fundada em 1909, por iniciativa das Igrejas Batistas estabelecidas no território do Estado da Bahia, República dos Estados Unidos do Brasil.

Art. 2º — A sede e fóro da Convenção Batista Bahiana é a cidade do Salvador, capital do Estado da Bahia, mas suas assembleias poderão realizar em qualquer parte do território do Estado.

Art. 3º — A Convenção Batista Bahiana tem por fim executar a vontade das igrejas que com ela cooperaram, coordenar seu trabalho, buscando desenvolver a obra de missões, evangelização, beneficência, educação ministerial e secular, bem como a literatura cristã.

Parágrafo Único — A relação desta Convenção para com as Igrejas nela representadas será puramente de conselho e em sentido algum jurisdiccional, legislativa ou executiva, a não ser no sentido de executar a vontade das Igrejas manifestada nos planos de trabalho cooperativo que a Convenção coordena e dirige.

CAPÍTULO II

Assembleias

Art. 4º — A Convenção reunirá-se ordinariamente ou extraordinariamente em assembleias constituídas de mensageiros das Igrejas Batistas Regulares da Bahia, credenciados na forma prescrita pelo seu Regimento Interno.

§ 1º — A Convenção compor-se-á de mensageiros eleitos por Igrejas Batistas Regulares.

§ 2º — Entende-se por Igreja Batista Regular aquela que aceita a Bíblia como única regra de fé e prática, e reconhece como fiel a exposição doutrinária denominada "Declaração de Fé das Igrejas Batistas do Brasil", conservando-se em harmonia com as demais Igrejas que adotam a mesma fé e ordem.

§ 3º — O mandato dos mensageiros só é válido para as assembleias a que são credenciados.

§ 4º — Os mensageiros, as Igrejas que os credenciam, bem como as Juntas constituídas pela Convenção, não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações da Convenção.

§ 5º — Cada mensageiro só poderá ser eleito por uma Igreja de que for membro, salvo o Pastor em exercício, que poderá representar as Igrejas que pastoreia, com direito, porém, a um só voto.

§ 6º — Só os membros de Igrejas Batistas Regulares que cooperam com esta Convenção poderão ser credenciados como mensageiros.

§ 7º — Cada Igreja terá direito de eleger cinco mensageiros e mais um, na proporção de cada cinquenta membros do seu rol.

§ 8º — A eleição dos mensageiros será oficialmente comunicada por Carta Credencial da Igreja, juntamente com a estatística do ano findo.

§ 9º — A Convenção tem o direito de regular a forma das Cartas Credenciais e da Estatística.

§ 10º — O ingresso de novas Igrejas ou outras da mesma fé e ordem na cooperação com a Convenção Batista Bahiana, far-se-á mediante parecer prévio da Junta Geral, aprovado pela Convenção.

§ 11º — O afastamento de uma Igreja do rol cooperativo da Convenção só se dará mediante parecer apresentado pela Junta, depois de metucioso estudo, à Convenção em Assembleia ordinária ou extraordinária.

CAPÍTULO III

Diretoria

Art. 5º — Esta Convenção deca para manter relações de cooperação com a Convenção Batista Bahiana Brasileira e com as entidades que com esta cooperam.

Art. 6º — A Convenção será representada ativa, passiva, judicial, extra-judicialmente pelo seu Presidente, e, no impedimento deste por seu substituto legal.

Art. 7º — A Diretoria da Convenção compor-se-á de um presidente, dois vice-presidentes, três secretários de arquivo e um tesoureiro, os quais serão eleitos anualmente, vedada a reeleição por mais de dois exercícios consecutivos.

Parágrafo Único — A nova diretoria será empossada na última sessão da Assembleia Geral Regular.

Art. 8º — A Convenção reunirá-se uma vez por ano em assembleia ordinária, e extraordinariamente quando necessário.

Art. 9º — Caberá a cada assembleia determinar o tempo e o local da realização da assembleia da Convenção.

§ 1º — A Diretoria da Convenção, com aprovação da Junta Geral, poderá transferir o local e mudar o tempo da Assembleia Geral Regular, quando inconveniente realizar-se no lugar e tempo já antes determinados, levando ao conhecimento das Igrejas, com a necessária antecedência, as razões do assim proceder.

§ 2º — A Diretoria da Convenção, com aprovação da Junta Geral, poderá, em qualquer ocasião, convocar uma Assembleia Geral Extraordinária, com antecedência não inferior a trinta dias.

§ 3º — Compete à Diretoria da Convenção organizar o programa provisório de suas assembleias, por iniciativa do Presidente.

§ 4º — As assembleias da Convenção serão constituídas com a presença de qualquer número de mensageiros que se apresentarem munidos de credenciais fornecidas pelas respectivas Igrejas Batistas Regulares.

§ 5º — A vontade da maioria dos mensageiros presentes a cada sessão expressa pelo voto, será considerada a vontade da Convenção.

Art. 10º — Logo após à instalação da assembleia, o presidente nomeará uma Comissão de Indicações, à qual cabe indicar os nomes dos componentes das Comissões de Pareceres.

CAPÍTULO IV

Juntas e Instituições

Art. 11º — A Convenção elegerá a Junta Geral, a Junta do Colégio Taylor-Egídio e a Junta da Escola Doméstica Kate White, e tantas outras necessárias ao desenvolvimento de sua obra.

§ 1º — A Junta Geral e a Junta do Colégio Taylor-Egídio serão compostas de quinze membros e cinco suplentes, e a Junta da Escola Doméstica Kate White de nove membros e três suplentes.

§ 2º — O mandato do terço dessas Juntas será renovado de ano a ano, sendo permitida a reeleição de seus membros.

§ 3º — As Juntas e Instituições desta Convenção poderão adquirir personalidade jurídica, regulando-se por seus Estatutos e Regimento Interno, os quais respeitarão o espírito e a letra dos Estatutos da Convenção.

§ 4º — Não poderá fazer parte de uma Junta qualquer pessoa que dela receba salário ou remuneração, a qualquer título, ou que seja seu funcionário remunerado.

§ 5º — Todo aquele que deixar de ser membro de uma Igreja Batista Regular que coopere com esta Convenção, perderá o mandato de membro da Junta.

§ 6º — A Convenção, por boa ordem de seus trabalhos, poderá eleger para as Juntas irmãos ausentes de suas assembleias, não podendo uma pessoa fazer parte, simultaneamente, de mais de duas Juntas.

§ 7º — Os tesoureiros da Convenção e das Juntas não poderão fazer uso do dinheiro confiado à sua guarda, nem mesmo temporariamente, para fins particulares.

Art. 12º — Nos Estatutos das Juntas e Instituições desta Convenção constarão, necessariamente, os seguintes dispositivos:

I — Que a condição para ser membro da Junta ou ser membro de alguma Igreja Batista Regular que coopere com a Convenção, e ter sido eleito pela Convenção.

II — Que a Junta ou a Instituição sejam regidas por princípios rigorosamente cristãos e de orientação evangélica batista nos três pontos do doutrinário adotado pela Convenção.

III — Que a Junta ou Instituição seguirá fielmente, a orientação da Convenção, apresentando-lhe relatórios anuais dos seus trabalhos, bem como um balanço.

IV — Que no caso de dissolução da Junta ou Instituição, seu patrimônio ficará pertencendo à Convenção Batista Bahiana, respeitados os direitos de terceiros.

Art. 13º — A Convenção adotará um orçamento para o seu ano financeiro, proposto pela Junta Geral, acompanhado das tabelas em que se preveja a receita e se fixe a despesa.

CAPÍTULO V

Disposições Gerais

Art. 14º — A execução do orçamento da Convenção caberá à Junta Geral, respeitada a distribuição percentual votada pela Convenção.

Art. 15º — A fiscalização da execução orçamentária compete a uma Comissão de Contas nomeada pela Convenção dentre pessoas devidamente qualificadas, constituída de cinco membros, com a obrigação de emitir parecer perante a Convenção.

Art. 16º — O tesoureiro da Convenção receberá as ofertas das Igrejas da Convenção, pagará as despesas incidentais e entregará o saldo ao tesoureiro da Junta Geral a favor da publicação das Atas.

Art. 17º — Os secretários da Convenção cuidarão do expediente interno e externo das Assembleias,

competindo à diretoria da mesma, obrigatoriamente, sua publicação sob a responsabilidade financeira da Junta Geral.

Art. 18º — A Junta Geral será depositária dos seus próprios arquivos e dos da Convenção, competindo-lhe, outrossim, designar Comissão de Estatística e História da Obra Batista na Bahia.

Art. 19º — As Igrejas terão o direito de especificar os fins para os quais suas contribuições especiais devem ser aplicadas.

Art. 20º — A Convenção determinará suas próprias regras parlamentares, que deverão constar de seu Regimento Interno.

Art. 21º — O órgão oficial da Convenção é "O BATISTA BAHIANO", fundado em dezembro de 1923, o qual será publicado, pelo menos mensalmente, sob a responsabilidade de um Redator-Chefe, eleito pela Junta Geral, o qual prestará relatório à Convenção.

Art. 22º — Os presentes Estatutos, que entram em vigor na data de sua aprovação, só poderão ser reformados com aprovação de dois terços dos mensageiros presentes à votação, até à penúltima sessão duma Assembleia Geral Regular.

O Evangelista - Geral em ação

Recebemos para publicar relatório do Pastor Sílony Amorim, Evangelista-Geral da Convenção Batista Bahiana, referente aos dois últimos meses.

Novembro — A convite do pastor Valdomiro de Oliveira, visitei sua igreja em Brumado e a Congregação em Aracatu. Brumado, que dista 538 quilômetros de Salvador, é a 3a. vez que visito. Não pôde estar presente o pastor, mas enviou uma caravana de 30 jovens, que, dirigidos por duas filhas do pastor (exímias musicistas), realizaram, à noite, um vibrante culto cantado. À tarde, no culto de pregação ao ar livre, na praça principal, cantaram vários hinos. Um grande auditório ouviu o Evangelho com muita atenção, e muitos foram ao culto da noite.

Os crentes ali estão enfrentando um angustioso problema com relação ao aluguel da casa de cultos, majorado de 12 para 45 mil cruzeiros, a que só poderão atender com ingente sacrifício. Houve algumas decisões no culto da noite. Em Aracatu, forte congregação da IB de Brumado, com templo próprio, dos 120 convertidos, 50 já foram batizados. Fiz apelo, e houve 3 decisões. Visitei aquela Congregação pelo Natal. Umas 15 pessoas vieram à frente, após o apelo e a pregação sob o tema: "Um lugar para Jesus". Lá encontrei o seminarista Epípidio e o evangelista da Igreja de Itapetinga, este último um dos fundadores da obra em Aracatu, que também pretende estudar no Instituto de Feira.

Qualquer projeto de reforma só poderá ser discutido e votado após parecer da Junta Geral.

Art. 23º — Para a dissolução da Convenção é necessário que, em duas assembleias ordinárias consecutivas, votem para isso pelo menos quatro quintos dos mensageiros arrolados, destinando-se, nesse caso, o patrimônio da Convenção à Convenção Batista Brasileira.

Art. 24º — As Juntas e Instituições da Convenção adaptarão, seus Estatutos e Regimento Interno às normas e ao teor geral dos presentes Estatutos.

Art. 25º — Revogam-se todas as disposições em contrário.

REGIMENTO INTERNO

"Quando ao Regimento Interno, foi proposto que se adotem as mesmas normas do da Convenção Batista Brasileira, até que seja criado o desta Convenção. Foi nomeada a seguinte Comissão que preparará o Regimento Interno desta Convenção: Dr. Ebenézer Gomes Cavalcanti (Relator), Dr. Clériston Andrade, Dr. Belmirio Sampaio" (Atas, 4a. sessão da 43a. C. C. B., 14-7-1966).

Dezembro — A convite da irmã Edite Moura, membro da IB de Paulo Afonso, e enviado pela Junta Geral, visitei a referida igreja e sua Congregação em Geremoabo. A Igreja, sem pastor, estava zangada com a Junta, atribuindo-lhe a culpa por não terem eles pastores. Enviaram uma carta valente à Junta, dizendo-se desligados da Convenção. Foi ali acertar os pontos, visto que também havia sido pastor ali, quando serviu à igreja durante 6 meses, visitando-a apesar da distância de 505 quilômetros de Salvador, cada mês. Ao sair, havia deixado com aqueles irmãos o rev. Amaro Alves de Lima, que com eles esteve até ao mês passado, havendo realizado batismos e prometendo voltar. Ao que se sabe, porém, já é pastor no Recife. Eles disseram que a carta inconveniente enviada à Junta fora mandada sem conhecimento deles por um tal Getúlio, moderador, logo após excluído por falta grave. Levei os irmãos a escrever uma carta em termos justos à Junta, retrocedendo, pois realmente não se queriam afastar da Convenção. Enviaram, também, a quantia de Cr\$ 175.000 para a Junta e apelaram para a ajuda no sustento de um obreiro residente e efetivo, já tendo em vista convidar o pastor José Camilo, de Cabrobó, obreiro de valor, que já os visitou e do qual muito se agradaram. Volteti da viagem para o Retiro de Pastores, em Feira de Santana, e entreguei a carta à Junta, ali reunida, que votou atender ao apelo da igreja. A Junta ficou satisfeita com a atuação do Evangelista mediante satisfação também da igreja, pelos conselhos e orientação do mesmo. Houve ali um grande programa sobre o Dia da Bíblia, quando falei sobre o dinâmico poder da Bíblia na literatura. Estão ali passando as férias duas jovens do SEC, fazendo bom trabalho. No domingo 18 de dezembro de 1966, a convite do pastor Felinto Alves Costa, preguei em sua igreja, na Capital, a IB Calvário. — a) SILONY AMORIM.

2.º século

GLORIA PATRI Charles Meincke, 1782-1850

Gloria se ja ao Pai, ao Fi- lho, e ao Santo Es- pírito.

Pi- vi- to; Co- mo e: ta no prin- ci- pio, é

hoje e pa- ra sempre, se- cles sem fim. A- mem- A- mem-

Gloria seja ao Pai, ao Filho, e ao Santo Espírito; Como era no princípio, é hoje e para sempre, se'clos sem fim. Amém.

Esta doxologia, Gloria Patri, é uma das nossas heranças mais significativas; pois suas primeiras palavras — "Gloria seja ao Pai, ao Filho, e ao Santo Espírito", foram cantadas pelos primeiros cristãos mesmo antes das catacumbas se tornarem em lugar de refúgio e de encontro para cultos a Deus. E' quasi certo, pois, que essa parte era cantada nesses esconderijos perigosíssimos!

A segunda parte da doxologia — "Como era no princípio, é hoje e para sempre, se'clos sem fim. Amém", foi acrescentada mais tarde, com certeza antes de 529 A. D., pois nesse ano o Segundo Concílio de Vaison "ordenou o uso da segunda parte na França do mesmo modo que já vinha sendo usada através de todo Este, África e Itália, dirigida contra os hereses que negavam a eternidade do Filho de Deus". Sabe-se que o seu canto estava inteiramente estabelecido no quarto século. As principais causas a serem lembradas sobre Gloria Patri — que é também conhecido como a Doxologia Menor — são:

1. E', talvez, o hino mais antigo que temos.
 2. Data dos tempos primitivos da Igreja Cristã.
 3. Suas primeiras palavras foram provavelmente cantadas por Paulo e Silas na prisão.
 4. Foi cantado por mártires no Coliseu e no Circus Maximus nos dias da supremacia romana.
 5. Era cantado depois de cada salmo, na Igreja Primitiva. (E' esse o motivo porque muitas Igrejas hoje cantam o Gloria Patri após a leitura do salmo).
- (Transc. de "Sinos", S. P., 1947).

O BATISTA BAHIANO

ÓRGÃO OFICIAL DA CONVENÇÃO BATISTA BAHIANA

Redator-Chefe EBENEZER G. CAVALCANTI Caixa 348 - Fone: 5-7200 Salvador - Bahia

DOUtrinário e Noticioso Mensário Tiragem: 5.000

Toda matéria assinada é de responsabilidade pessoal de seus autores.

JUNTA GERAL DA CONVENÇÃO BATISTA BAHIANA Rua Visc. São Lourenço, 6 Caixa 184 - Fone: 5-2654 End. Tel. - BA-7MIS

Sua Igreja está Construindo?

TEMPLOS

Data de épocas longínquas a existência de templos.

Os mais antigos que se conhecem talvez sejam para os 3.000 anos antes de Cristo e nada mais eram do que cavernas naturais adaptadas para o exercício do culto.

Vestigios desses templos encontrados na região do Mediterrâneo, destacando-se entre eles os da ilha de Malta considerados por muitos arqueólogos como da era pré-histórica.

Cavernas semelhantes foram encontradas no Egito, na Índia e na China.

Em algumas delas a descoberta de pedras humanas parece indicar que, além de servir para o culto, tais lugares eram usados ainda como osuários.

Esses templos que brotaram do chão procederam a arquitetura sagrada, que atingiu requintes de perfeição como os que se observam nos santuários de Karnat na Índia, de Zeus em Atenas e de Diana em Éfeso, este considerado uma das outras sete maravilhas do mundo.

Excavações efetuadas na região de Beth-Shan, na Palestina, fizeram voltar à luz templos construídos 3500 e 4000 anos a. C.

Os mais primitivos eram feitos de material rudimentar: barro, no Egito anterior às dinastias, e junco, na bacia do Tigre e do Eufrates.

E do tempo da segunda dinastia egípcia o mais velho templo feito de pedra; foi localizado na cidade fenícia de Biblos. Ao que tudo indica, é o primeiro erguido antes mesmo da pirâmide de Gizeh.

Os templos dessas eras remotas eram pequenos, dispostos interiormente de espaço apenas suficiente para ser ocupado pelos ídolos e pelos sacerdotes; o povo, esse ficava de fora. Estamos falando de templos pagãos sem outro interesse senão o de mostrar que uma prática assim tão generalizada não deixa de ser muito significativa quando se diz que no homem o sentimento religioso é inato.

Mas deixemos isso e apressemo-nos para visitar, muito de passagem, os templos da Bíblia.

Primeiro, foram os altares. Não existiam ainda templos.

Altares, havia-os de vários tipos: uns, à maneira de colunas, improvisadas de pedra; outros, de terra, simplesmente.

De preferência, eram erguidos em lugares onde Deus tivesse falado ou aparecido (teofanias).

Acreditava-se que, a princípio, não fossem utilizados na realização de sacrifícios cruentes, mas, apenas, para assinalar lugares de oração.

Tornaram-se conhecidos o de Noé (Gen. 8:20), o de Abraão (Gen. 12:7, 8: 22-9) e o de Moisés (Ex. 17:15). Ficou também famoso o altar que Davi construiu na eira de Araúna, especialmente adquirida por ele para esse fim (II Sam. 24:18-25).

O altar de Moisés, praticado nas faldas do Sinai, apresentou uma novidade: acompanhavam-no dose pilares, simbolizando as dose tribus de Israel. E, não há dúvida, a idéia de altar envolvido já para a de santuário.

Até que surgiu o tabernáculo.

1. O TABERNÁCULO

Inicialmente, era uma tenda, de fácil manejo, portátil, servindo para os contactos que Moisés mantinha com Deus — Moisés ou quem assim o desejasse (Ex. 33:7).

Foi uma solução de emergência, para a vida nômade do deserto.

Essa tenda transformar-se-ia mais tarde no tabernáculo, feito de tábuas dispostas de tal forma que podiam ser armadas e desarmadas conforme o exigissem as circunstâncias. A construção do tabernáculo obedeceu a um plano divino, que foi transmitido a Moisés e realizado meticulosamente. (Ex., caps. 25-27; 30-31; 35-40).

Dispunha de um lugar santo e de um lugar santíssimo, separados por um véu.

No primeiro recinto havia o altar para os pés da proposição, no segundo, a Arca do Concerto.

Em torno, estendia-se espaço amplo, onde estavam colocados o altar de incenso e o lavatório.

O material empregado em todo isso era carvalho. Basta dizer que o altar do incenso era todo recoberto de ouro. Do mesmo modo, a mesa, Respositório de ouro era também a arca.

O altar de holocaustos era de cobre, bem como todos os utensílios nele usados.

Cobrindo o tabernáculo, havia cortinas feitas de pêlo de cabra. O véu era de estofado azul, púrpura, escarlate e linho fino retorcido.

A obra exigiu o concurso de gente especializada. Artesãos como Bezaleel e Aoliabe (Ex. 31:2-7) foram convocados por ordem expressa de Deus e como se desincumbiram da sua tarefa de modo a perfeição do trabalho que executaram.

Um pormenor sobre o edificação: o tabernáculo foi construído à poder de ofertas voluntárias...

"Que me tragam uma oferta; de todo o homem cujo coração o impelir a isso, dêe tomarei a minha oferta" (Ex. 25:2). Sobre como o povo respondeu a esse apelo, lê-se Ex. 35:20-29.

O tabernáculo durou até a época de Salomão, que nele chegou a oferecer sacrifícios (II Cron. 1:3, 13).

2. O TEMPLO DE SALOMÃO

Estabelecido o povo na terra prometida, surgiu a necessidade de um templo definitivo.

Mais do que ninguém, sentiu-a o rei Davi.

Porque moraria éle em palácios e a arca do Senhor, numa tenda? (II Sam. 7:2).

Chegou a desenhara uma planta para o templo, ao mesmo tempo em que acelerava os preparativos para executá-la. Sendo éle, porém, um homem de guerra, o Senhor não lho permitiu, conferindo essa honra a Salomão, homem de índole pacífica e piedoso.

A construção foi iniciada 4 anos depois da morte de Davi e estendeu-se por sete anos e meio.

O local escolhido foi, na cidade de Jerusalém, o monte Morá, precisamente onde existira a eira de Araúna e na qual Davi erguera o altar de que acima falamos. Aquêle ponto — uma rocha — ocupou o centro do lugar dedicado aos sacrifícios no templo de Salomão. Pretendem os muçulmanos que essa rocha se encontra hoje na mesquita de Omar, em Jerusalém, onde pode ser visitada, e que nela o Senhor venha a colocar o seu trono no dia do juízo final... O templo de Salomão, em linhas gerais, adotou a disposição interna do tabernáculo. Como naquele havia neste o lugar santo e o santo dos santos, separados por um véu riquíssimo. No santo dos santos ficava apenas a Arca da Aliança; no lugar santo, ficava o altar de incenso. Em lugar de um candelabro de ouro, como no tabernáculo, havia 10 c, ao invés de uma mesa, como neste, havia igualmente dez.

30.000 operários hebreus e 53.000 homens do Líbano, súditos de Hirão, rei de Tiro e aliado de Salomão, trabalharam nessa obra colossal.

O projeto previa, além do santuário, a construção de inúmeros anexos, tais como átrios, côrtes, apartamentos para os sacerdotes, palácios, etc.

Uma verdadeira cidade dentro de outra.

A dedicação do templo constituiu um acontecimento na vida da nação judaica.

Mas não demorou muito essa alegria porque o templo teve um fim indoloso.

O seu esplendor durou pouco, somente 33 anos!

Altoque, rei do Egito, enviou-o (II Reis 14:13, 20).

Foi profanado por Tiglath-Pileser e Sennaquebe. Foi destruído, Nabucodonosor, destruiu-o no ano 586 a. C.

Ao todo, o templo de Salomão viveu 424 anos, 3 meses e 3 dias (II Reis 25:9-11).

3. O TEMPLO DE ZOROBABEL

O templo de Jerusalém ficou em ruínas pelo espaço de 52 anos.

Valendo-se das facilidades oferecidas por Ciro, Zorobabel, à frente de 60.000 judeus, regressou a Jerusalém, e iniciou a reconstrução do templo (Esd. 3:1-4; 2:1), que seria u'a imitação do anterior.

O episódio aparece pontilhado de incidentes, provocados, na sua maioria, pelos samaritanos que tudo fizeram para perturbar os judeus, a ponto de conseguirem um decreto que suspendia o andamento das obras.

Essas, porém, reiniciadas mais tarde, foram concluídas após 21 anos de muito trabalho e muitas peripécias.

Mas o novo templo ficava muito a dever ao de Salomão. Ainda que maior, não tinha a mesma glória (Ageu 2:3). Falta-lhe, entre outras coisas, a principal — a Arca do Concerto — que desaparecera quando da destruição do primeiro templo.

Destino cruel teve o templo de Zorobabel.

Anteio Epifânio, no ano 168 a. C., profanou-o, fazendo sacrificar carne de porco nos seus altares e acabou proibindo o culto divino. Essa situação permaneceu durante três anos.

Mas Judas Macabeu desagravou a honra nacional, restaurando o templo e restabelecendo o culto.

Mais tarde Pompeu levou a efeito novo sacrifício: invadiu o templo, penetrando no santos dos santos, só respeitando o tesouro sagrado.

Mas, no fim, nem éle foi poupado. Segundo Josephus, Crasso, alguns anos mais tarde, apossou-se de todas as riquezas do templo.

4. O TEMPLO DE HERODES

Herodes, o Grande, pretendendo agradar aos judeus, decidiu erguer um templo suntuoso, para substituir aquele que fora tão duramente castigado. Começou reunindo material, ocupação em que gastou dois anos.

Fêz treinar cerca de mil sacerdotes para servirem na qualidade de pedreiros e carpinteiros.

Foram mobilizados 10.000 operários. Então o velho templo veio abaixo e o novo começou a subir, ali pelos anos 20 ou 19 a. C.

O santuário propriamente dito ficou pronto depois de um ano e meio. Côrtes e anexos consumiram oito anos. O resto levou tempo — nada menos do que 48 anos (João 2:20).

A verdade, contudo, é que a obra só foi inteiramente concluída no ano 64 da era cristã, seis anos antes de ser destruída para sempre!

O templo era realmente um espetáculo de encor e olhos. Verdadeiro monumento de arte.

Riquíssimo. Feito de mármore branco e de pedras de tamanho descomunal. Decorado profusamente de ouro. "Uma montanha de ouro e neve", no dizer de Josephus.

Tinha também o lugar santo e o santo dos santos, este inteiramente vazio e, naquele, o candelabro de ouro, a mesa dos pés da proposição e o altar do incenso.

Ademais, era de proporções impressionantes. Maior que o de Zorobabel, que, por sua vez, fora maior que o de Salomão.

Foi esse o templo que Jesus conheceu e frequentou.

Também foi esse o templo de que Jesus profetizou: "não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada" (Marcos 13:2).

A profecia de Jesus cumprira-se literalmente.

O edifício todo, exceção das partes subterráneas, foi destruído pelos soldados romanos que, sob o comando de Tito, invadiram a cidade de Jerusalém no ano 70 da era cristã.

A mesa, o candelabro e o livro da Lei foram levados para a cidade de Roma como troféus de guerra.

Nas ruínas, o imperador Adriano fez construir um templo dedicado a Júpiter. Fêz mais: impediu os judeus de entrar na cidade.

Diz uma versão que éles, porém, burlando a vigilância dos soldados, sempre conseguiram esgueirar-se para dentro da cidade, onde iam oferecer sacrifício no altar dos holocaustos, que afirmavam ter recuperado aos escombrós.

O imperador Juliano ainda tentou reconstruir o templo, no ano 363. Mas tantas foram as explosões misteriosas que ocorreram, acompanhadas de violentas labaredas, que éle acabou desistindo da idéia.

Primeira Igreja Batista de Valença

Esta Igreja completou em 5 de janeiro do corrente ano o seu 78º aniversário de organização com um culto de ação de graças e um programa festivo alusivo a data. Recentemente assumiu a sua direção o pastor Aniel Costa, que vem dirigindo os seus trabalhos com boas esperanças de progresso para o futuro.

Recebeu a visita do pastor Solony Amorim, evangelista da Junta Geral da Convenção Batista Bahiana, de 12 a 16 de maio último, o qual muito nos ajudou durante esses dias. No domingo, dia 15, tivemos uma boa Escola Dominical

A área do templo de Herodes é hoje ocupada por duas mesquitas turcas uma das quais — a mesquita de Omar — conserva do seu interior, cravada no centro do santuário, a famosa "Rocha Sagrada", a que se atermos alusão.

Antes do exílio, outros templos foram construídos pelos judeus da Palestina.

3. OUTROS TEMPLOS

Um foi o templo erguido pelos samaritanos no monte em que o povo de Deus foi abençoado — Gerizim (Deut. 11:29).

Foi destruído no tempo dos macabeus (134-104 a. C.), mas os samaritanos continuaram a prestar culto no mesmo local, o que esclarece certos trechos do diálogo que Jesus manteve com a mulher samaritana (João 4:1-24).

Antes do exílio, outros templos foram construídos pelos judeus da Palestina.

Sabe-se de um que existiu no Egito antes do ano 525 a. C. e retido no ano 408 a. C.

(Transcrito do "BOLETIM MENSAL" da I.B. da Via Mariana, S. P., 1960).

Alguem está à porta

(Apo. 3:20)

Teodoro F. Sampaio

Quem é que está à tua porta e bate, meu amigo? Tu mesmo e todos os homens precisam ouvir e responder. Infelizmente, alguns andam por aí atribulados, cheios de medo e pavor por causa de seus erros e vícios.

Quando ouvem alguém bater à porta, fogem para não serem vistos. Isto acontece ao homem sem Deus, que não goza de paz. Seu espírito está cheio de temor, e por isso foge. Foge porque a sua consciência o acusa do mal que tem praticado.

Foge não só da presença dos homens como da presença de Deus. Foi assim que aconteceu com nossos primeiros pais no Eden. Eles pecaram, desobedecendo o mandamento do Senhor Deus, comendo do fruto proibido (Gên. 3:5). Program da presença do Senhor que os amava, e que os procurou e chamou (Gên. 3:9). Desde o Eden até agora, o Senhor Deus jamais deixou de buscar e chamar os homens pecadores que estão fugindo da sua presença. Ele continua a passear pela viração do dia, na pessoa do seu bendito Filho, batendo à porta dos pecadores cansados e oprimidos (Mat. 11:28).

Amigo: Sabem Quem é que bate à tua porta? É Jesus Cristo, o filho de Deus, o grande amigo dos pecadores. Ele bate à tua porta e quer entrar (Apo. 3:20). Será que éle está batendo à porta da casa em que resides? NÃO. Jesus bate à porta de teu coração, e quer que tu ouças a sua voz e com presteza abras o teu coração para que éle possa entrar e nele fazer morada, mediante a fé. Teu coração deve abrir-se para Jesus, arrependido dos frutos da carne (Gál. 5:19-21). Vasto de tais pecados, pelo arrependimento e fé, Jesus fará

morada em teu coração. E a paz de Deus dominará tua vida. Conhece o gozo e a beleza de sua glória. Ele Jesus, quer hospedar-se para sempre no centro da tua vida. Quer entrar para salvar-te. Assim, pois, entrega teu coração a Jesus, e serás salvo. Jesus perdoará teus pecados e te dará a vida eterna pela fé, que é a plena confiança nele como teu salvador. "Tendes vos lugar vasto para Cristo, o Salvador? Ele bate e quer entrar: quer salvar-te em amor" (C.C., n. 229). Alagoinhas, 21-7-1964.

Registro Fúnebre

No dia 23 de dezembro último, faleceu o distinto irmão Firmino Xavier dos Santos, membro da Igreja Batista Calvária. Teve o referido irmão a desdita de ser acidentado por um carro, quando estava a serviço da Limpeza Pública, desenhado acidentado no bairro de Brotas, foi conduzido ao Pronto Socorro, sérias providências foram tomadas, mas tudo falhou, partindo o nosso Firmino para o céu, assim cressendo, deixando a esposa, D. Alzira Santos, viúva com 7 filhos. Na tarde do mesmo dia foi sepultado no cemitério das Quintas. Ele foi um exemplar membro de Igreja em todo sentido. O acompanhamento para o enterro foi por um bom número de seus colegas de trabalho, juntamente com uma assistência grande de membros de sua Igreja.

O caixão foi levado por alguns momentos àquela capela, onde o Pastor Costa dirigiu a mensagem de ocasião aos acompanhantes. Informa o Pastor Felinto Costa.